



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA

ESCOLA DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA VIDA

MESTRADO EM PSICOLOGIA FORENSE

COMO TEM SIDO INTEGRADA A PERSPETIVA INTERSECCIONAL NO ESTUDO DAS EXPERIÊNCIAS ADVERSAS PRECOCES?

Dissertação apresentada a provas públicas para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Forense,
orientada por Prof^a. Doutora Mariana Gonçalves.

Mariana Reis Santos

2023

www.ulusofona.pt

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA
ESCOLA DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA VIDA
MESTRADO EM PSICOLOGIA FORENSE**

COMO TEM SIDO INTEGRADA A PERSPETIVA INTERSECCIONAL NO ESTUDO DAS EXPERIÊNCIAS ADVERSAS PRECOCES?

VERSÃO FINAL

Tese defendida em provas públicas na Universidade Lusófona, Centro Universitário de Lisboa no dia 21/12/2023, perante o júri, nomeado pelo Despacho de Nomeação n.º: 526/2023, de 19 de dezembro, com a seguinte composição:

Presidente: Prof^a Doutora Carolina Motta

Arguente: Prof^a. Doutora Cláudia Camillo

Orientador: Prof^a. Doutora Mariana Gonçalves

Mariana Reis Santos

2023

Agradecimentos

À Professora Doutora Mariana Gonçalves Costa, por quem tive o privilégio de ser orientada. Obrigada pelos comentários, conselhos e dedicação que moldaram não apenas esta Dissertação, mas também o meu desenvolvimento como estudante e futura profissional. Foi uma orientadora extraordinária e é uma fonte de inspiração constante.

Às minhas colegas e amigas da Licenciatura, mas principalmente à Rita, que me apoiou e tornou este percurso mais divertido, nunca me deixando desistir. Às minhas colegas e amigas do Mestrado, sobretudo à Sofia, pelo companheirismo, ajuda e incentivo prestados.

Ao meu namorado, Diogo, por todo o apoio, paciência e motivação que me deu.

Aos meus pais, Fernando e Margarida, por me apoiarem em todos os meus sonhos e objetivos, por estarem sempre lá para me amparar, criticar e congratular. À minha irmã, Madalena, por todo o apoio e paciência, por me ter ouvido e ajudado. As dificuldades e alegrias deste percurso tornaram-se de todos, sem vocês dificilmente teria chegado até aqui.

A mim, por nunca ter desistido mesmo quando duvidei de mim. Por ter aproveitado cada oportunidade e cada obstáculo para crescer e adquirir conhecimento. Por ter perseguido e alcançado os meus sonhos.

Muito obrigada!

Resumo

As experiências adversas precoces são eventos negativos e traumáticos que acontecem na infância. Estas são comuns e estão inter-relacionadas, sendo prevalentes em 20% a 50% da população adulta. A interseccionalidade defende que estas experiências são moldadas pelas características individuais, que interagem entre si, devendo ser analisadas de forma dependente e à luz desta teoria. No entanto, a literatura que a usa descarta a relação entre estas características (e.g., raça/etnia e género). Posto isto, o objetivo da presente *scoping review* é compreender de que forma esta perspetiva é aplicada no estudo das experiências adversas precoces. Para tal, seguiu-se o modelo PRISMA-P, pesquisando as palavras-chaves em quatro bases de dados, resultando na inclusão de 21 artigos. Verificou-se que todos fizeram menção explícita da teoria da interseccionalidade, mas apenas doze a aplicaram na sua totalidade. A raça/ etnia e a orientação sexual foram as variáveis de interseccionalidade mais analisadas. A interseção mais observada foi a orientação sexual x raça/ etnia e as experiências adversas precoces mais estudadas foram o *bullying* e o abuso/ violência sexual. Concluiu-se que efetivamente existe uma escassez de artigos que incorporam a interseccionalidade no estudo das experiências adversas precoces. Porém, os que existem representam um avanço na investigação quantitativa deste tema.

Palavras-chave: Experiências Adversas Precoces; Vitimação; Vulnerabilidade; Interseccionalidade.

Abstract

Adverse childhood experiences are negative and traumatic events that occur in childhood. These are common and interrelated, being prevalent in 20% to 50% of the adult population. Intersectionality argues that these experiences are shaped by individual characteristics, who interact with each other, and should be analyzed dependently and with this theory. However, the literature that uses it dismisses the relationship between these characteristics (e.g., race/ethnicity and gender). That said, the objective of this scoping review is to understand how this perspective is applied to the study of adverse childhood experiences. The PRISMA-P model was followed, keywords were searched in four databases, resulting in the inclusion of 21 articles. It was found that every study made explicit mention of the theory of intersectionality, but only twelve fully applied it. Race/ethnicity and sexual orientation were the most analyzed intersectionality variables. The most observed intersection was sexual orientation x race/ethnicity and the most studied adverse childhood experiences were bullying and sexual abuse/violence. It was concluded that there is indeed a shortage of articles that incorporate intersectionality in the study of adverse childhood experiences. However, those that do exist represent an advance in the quantitative investigation of this topic.

Keywords: Adverse Childhood Experiences; Victimization; Vulnerability; Intersectionality.

Índice

Introdução	9
Como tem sido integrada a Perspetiva Interseccional no Estudo das Experiências Adversas Precoces?	9
Interseccionalidade: Contributo para o Estudo das Experiências Adversas Precoces	10
Metodologia.....	13
Estratégia de Pesquisa.....	13
Seleção dos Artigos: Critérios de Inclusão e Exclusão.....	13
Extração e Análise de Dados	13
Resultados.....	21
Caracterização das Amostras	21
Tipos de Estudos	22
Experiências Adversas Precoces Avaliadas.....	22
Variáveis de Interseccionalidade Incluídas.....	23
Discussão	29
Questões Metodológicas e Sugestões para Estudos Futuros	30
Conclusões	30
Referências Bibliográficas.....	32

Índice de Figuras

Figura 1: Fluxograma PRISMA	14
Figura 2: Distribuição temporal dos estudos incluídos	21
Figura 3: Frequência das experiências adversas precoces estudadas	23

Índice de Tabelas

Tabela 1: Estudos incluídos.....	15
Tabela 2: Variáveis de interseccionalidade incluídas.....	25
Tabela 3: Frequência das intersecções observadas.....	27

Introdução

Como tem sido integrada a Perspetiva Interseccional no Estudo das Experiências Adversas Precoces?

As experiências adversas precoces são experiências negativas ou eventos traumáticos que acontecem na vida de uma criança (i.e., dos 0 aos 17 anos de idade), que podem levar a resultados negativos na sua saúde física e mental ao longo da vida, uma vez que, devido aos altos níveis de *stress*, o desenvolvimento do cérebro e os sistemas imunitário e endócrino poderão ser afetados (Anda et al., 2005; Boullier & Blair, 2018; Crouch et al., 2017; Crouch et al., 2019; Davis et al., 2018; Felitti et al., 1998; Green et al., 2010; Hughes et al., 2017; Sacks & Murphey, 2018). É de salientar que os indivíduos que relataram ter sofrido experiências de vitimação, quando comparados com os que não as relataram, têm mais probabilidade de sofrer um ataque cardíaco (Boullier & Blair, 2018; Davis et al., 2018), ter dificuldades de concentração e memória (Davis et al., 2018), ser diagnosticados com cancro (Felitti et al., 1998), tentar cometer suicídio (Felitti et al., 1998) e ser diagnosticados com depressão (Felitti et al., 1998; Davis et al., 2018).

A literatura revela que as experiências adversas precoces são comuns, sendo que a maioria da população dos EUA sofreu pelo menos uma experiência de vitimação na infância, e que estão inter-relacionadas (Anda et al., 2005; Boullier & Blair, 2018; Dong et al., 2004; Green et al., 2010; Mersky et al., 2021; Morse et al., 2017 cit in Strompolis et al., 2019; Sacks & Murphey, 2018; Tink et al., 2017; Waite et al., 2013).

Num estudo elaborado por Felitti e colaboradores (1998), no qual pretenderam conhecer a relação entre os comportamentos de risco para a saúde na idade adulta e as experiências adversas precoces, os autores definiram duas tipologias de experiências adversas: a exposição a abusos e a disfunções domésticas durante a infância. Para identificar o abuso infantil foram avaliadas três categorias: abuso psicológico, abuso físico e abuso sexual. De igual modo, foram avaliadas quatro categorias de exposição à disfunção doméstica durante a infância: exposição ao abuso de substâncias, doença mental, tratamento violento por parte da mãe ou madrasta e comportamento criminoso no ambiente doméstico.

Segundo Davis e colaboradores (2018), existem três tipos de experiências de vitimação: as experiências adversas precoces em contexto intrafamiliar (e.g., violência doméstica, negligência física e emocional, abuso sexual e emocional, divórcio, situação de sem abrigo, abuso de substâncias por parte de um dos cuidadores, encarceramento de um dos cuidadores e ter um cuidador com perturbações mentais; Anda et al., 2005; Felitti et al., 1998;

Strompolis et al., 2019), experiências comunitárias adversas (e.g., pobreza/dificuldades económicas, violência comunitária, baixa qualidade de habitação e falta de oportunidades) e experiências históricas coletivas adversas (e.g., pandemia, genocídio, escravidão e holocausto).

Apesar de se verificarem flutuações na prevalência das experiências adversas precoces, as mais relatadas na literatura são dificuldades económicas (22,5%) e divórcio ou separação dos cuidadores (21,9%; Crouch et al., 2019; Davis et al., 2018; Halfon et al., 2017; Sacks & Murphey, 2018; Strompolis et al., 2019). Em menor número, segue-se viver com alguém com problemas com drogas e álcool (8,1%), viver com alguém com perturbações mentais, suicida ou deprimido (7,1%), encarceramento de um dos cuidadores (7%), presenciar violência doméstica em casa (5%), ser vítima de violência ou assistir a violência na comunidade (3,3%), ser tratado de modo diferente devido a raça ou etnia (3,3%) e morte de um dos cuidadores (2,9%; Crouch et al., 2019; Strompolis et al., 2019).

Num estudo de Felitti e colaboradores (1998), os resultados mostraram que 56% dos indivíduos que não sofreram qualquer tipo de experiência de vitimação na infância não apresentaram nenhum fator de risco para a saúde, enquanto que apenas 14% dos indivíduos que relataram ter sofrido quatro ou mais tipos de experiências adversas precoces não apresentaram fatores de risco para a saúde, tornando clara a existência de uma forte relação entre a quantidade de tipos de experiências de vitimação vivenciadas na infância e a quantidade de fatores de risco para a saúde (i.e., tabagismo, obesidade grave, sedentarismo, humor deprimido, tentativas de suicídio, alcoolismo, abuso de estupefacientes por parte do próprio e por parte de cuidadores, número elevado de parceiros sexuais ao longo da vida e história de doença sexualmente transmissível).

Interseccionalidade: Contributo para o Estudo das Experiências Adversas Precoces

A teoria da interseccionalidade foi bastante usada por Crenshaw (1991) para estudar a violência contra as mulheres, especialmente das negras. Esta analisou a forma como as diversas categorias de identidade interagem de modo a explicar a violência experienciada por estas mulheres, na medida em que esta experiência é, muitas vezes, moldada por outras dimensões da sua identidade, que interagem entre si (e.g., o género, a etnia/ raça e a classe socioeconómica). Posto isto, a teoria da interseccionalidade defende que estas categorias devem ser consideradas em conjunto, pelo que a desigualdade não poderá ser completamente compreendida se forem analisadas de forma independente (Crenshaw, 1991; McCall, 2005).

Neste sentido, o estudo das experiências adversas precoces beneficiará desta perspectiva interseccional, uma vez que há várias dimensões da identidade da criança que a torna vulnerável a eventos traumáticos (e.g., ser do género feminino, pertencer a uma minoria étnica e viver em pobreza; Mersky et al., 2021), bem como o modo como estas se relacionam entre si. Apesar de escassa, existe literatura que estuda as experiências adversas precoces à luz da teoria da interseccionalidade, dando primazia às seguintes categorias: raça/ etnia (Sacks & Murphey, 2018), estatuto económico (Halfon et al., 2017) e género (Mersky et al., 2021), dando ênfase às três categorias propostas por Crenshaw (1991).

Relativamente à primeira categoria, alguns estudos demonstram que as pessoas de etnia negra não hispânica, hispânica e ameríndia reportam, em média, mais experiências adversas precoces (Crouch et al., 2019; Mersky et al., 2021; Sacks & Murphey, 2018; Strompolis et al., 2019). De acordo com Sacks e Murphey (2018), a prevalência de cada tipo de experiência adversa precoce é diferente consoante a raça/ etnia da criança: as crianças caucasianas são as que mais relatam viver com um adulto com doença mental e problemas de uso de substâncias; as crianças negras não hispânicas experienciam o encarceramento e a morte dos pais; e as crianças hispânicas referem viver com um adulto com problemas de uso de substâncias e encarceramento dos pais.

A literatura disponível sugere que indivíduos que apresentem um estatuto económico inferior têm mais probabilidade de relatar mais experiências adversas precoces (Crouch et al., 2019; Halfon et al., 2017; Mersky et al., 2021; Strompolis et al., 2019; Walsh et al., 2019), porém é necessário destacar que estas experiências negativas ocorrem em todos os grupos socioeconómicos (Doidge et al., 2017). Num estudo de Doidge e colaboradores (2017), realizado na Austrália, as evidências mostraram que as crianças que foram criadas em seios familiares com um baixo estatuto económico têm três vezes mais probabilidade de sofrer de abuso, de negligência ou de testemunhar violência doméstica, em comparação com as que foram criadas num meio com estatuto económico alto.

É vasta a literatura que demonstra existirem diferenças no que toca ao género, identificando que as mulheres tendem a relatar ligeiramente mais experiências adversas precoces do que os homens (Mersky et al., 2021). De igual modo, num estudo realizado por Davis e colaboradores (2018), as mulheres tiveram uma probabilidade ligeiramente superior do que os homens de terem sofrido quatro ou mais tipos de experiências de vitimação na infância. No entanto, é de salientar que o tipo de experiências de vitimação também difere. As mulheres tendem a relatar mais experiências de abuso sexual e emocional, negligência emocional,

problemas mentais no seio familiar e morte de um membro da família (Barth et al., 2013; Mersky et al., 2021; Moody et al., 2018). Por outro lado, os homens apresentam maior probabilidade de relatar abuso físico, negligência física e violência comunitária (Hutzell & Payne, 2018; Mersky et al., 2021; Sharkey, 2018).

Embora haja literatura que mencione a importância de aplicar a teoria da interseccionalidade ao estudo das experiências adversas precoces, são raros os autores que efetivamente aplicam esta teoria na sua totalidade, tendo em consideração a relação existente entre as dimensões da identidade do indivíduo e cruzando as mesmas de modo a identificar quais as dimensões que os tornam mais vulneráveis a estes eventos negativos. Para além disto, o estudo destas experiências à luz da perspectiva da interseccionalidade é de imenso relevo teórico e prático, uma vez que poderá ajudar na sua prevenção. Posto isto, o objetivo da presente *scoping review* é compreender de que forma a perspectiva da interseccionalidade é aplicada no estudo das experiências adversas precoces e nas diversas características que tornam os indivíduos mais vulneráveis às mesmas.

Metodologia

Estratégia de Pesquisa

Esta *scoping review* seguiu as diretrizes do modelo PRISMA-P, que se trata de uma lista de verificação com 27 itens, que oferece recomendações e exemplos de como relatar corretamente a informação recolhida, garantindo assim que o presente artigo apresenta conteúdos com valor e qualidade (Page et al., 2021). A pesquisa dos artigos foi realizada nas bases de dados da *PsycArticles*, *Scopus*, *Web of Science* e *PubMed*, a partir da seguinte equação de pesquisa: [(“*adverse childhood experiences*” OR “*childhood trauma*” OR “*adolescent trauma*” OR “*traumatic childhood experience*” OR “*physical abuse*” OR “*emotional abuse*” OR “*psychological abuse*” OR “*sexual abuse*” OR *neglect* OR “*community violence*” OR “*peer violence*” OR *bullying*) AND *intersectionality* OR *intersectional*].

Seleção dos Artigos: Critérios de Inclusão e Exclusão

Os artigos foram selecionados de acordo com um conjunto de critérios de inclusão e exclusão que permitiu identificar aqueles que melhor correspondem ao objetivo supra apresentado. Posto isto, a presente *scoping review* incluiu: a. artigos empíricos, de metodologia quantitativa e/ou qualitativa; b. sem limitação temporal; c. escritos em língua portuguesa, inglesa ou francesa; d. que abordem a Teoria da Interseccionalidade; e. avaliem as Experiências Adversas Precoces. Para além disto, foram excluídas revisões sistemáticas, metanálises, artigos de opinião, capítulos de livros e literatura cinzenta, ou escritos em línguas diferentes das mencionadas anteriormente.

Extração e Análise de Dados

Através da representação visual do fluxograma PRISMA (Figura 1), é possível seguir o processo de seleção de artigos de forma clara. Inicialmente, 887 artigos foram identificados e, após exportação para o programa *Rayyan*, 316 duplicados foram eliminados. A etapa seguinte de triagem foi conduzida de forma independente por dois investigadores, que avaliaram os títulos, resumos e palavras-chave dos artigos de acordo com os critérios de inclusão e exclusão previamente definidos. Nesta fase, 539 dos 571 artigos restantes foram excluídos por não atenderem aos critérios de inclusão, resultando em 32 artigos considerados elegíveis. No entanto, 3 desses 32 estudos foram posteriormente excluídos e não avançaram para a leitura integral, uma vez que não foi possível ter acesso aos mesmos.

Os restantes 29 artigos foram submetidos a uma avaliação de elegibilidade semelhante, resultando num total de 21 artigos que foram seleccionados para a realização desta *scoping review*. Os dados retirados desses artigos encontram-se compilados na Tabela 1, abrangendo informações como os autores, o ano de publicação, o país de origem, as características da amostra (i.e., idade, género, raça/etnia), a metodologia do estudo (i.e., qualitativo, quantitativo, misto), os instrumentos utilizados, as experiências adversas precoces avaliadas e as variáveis de interseccionalidade incluídas.

Figura 1

Fluxograma PRISMA

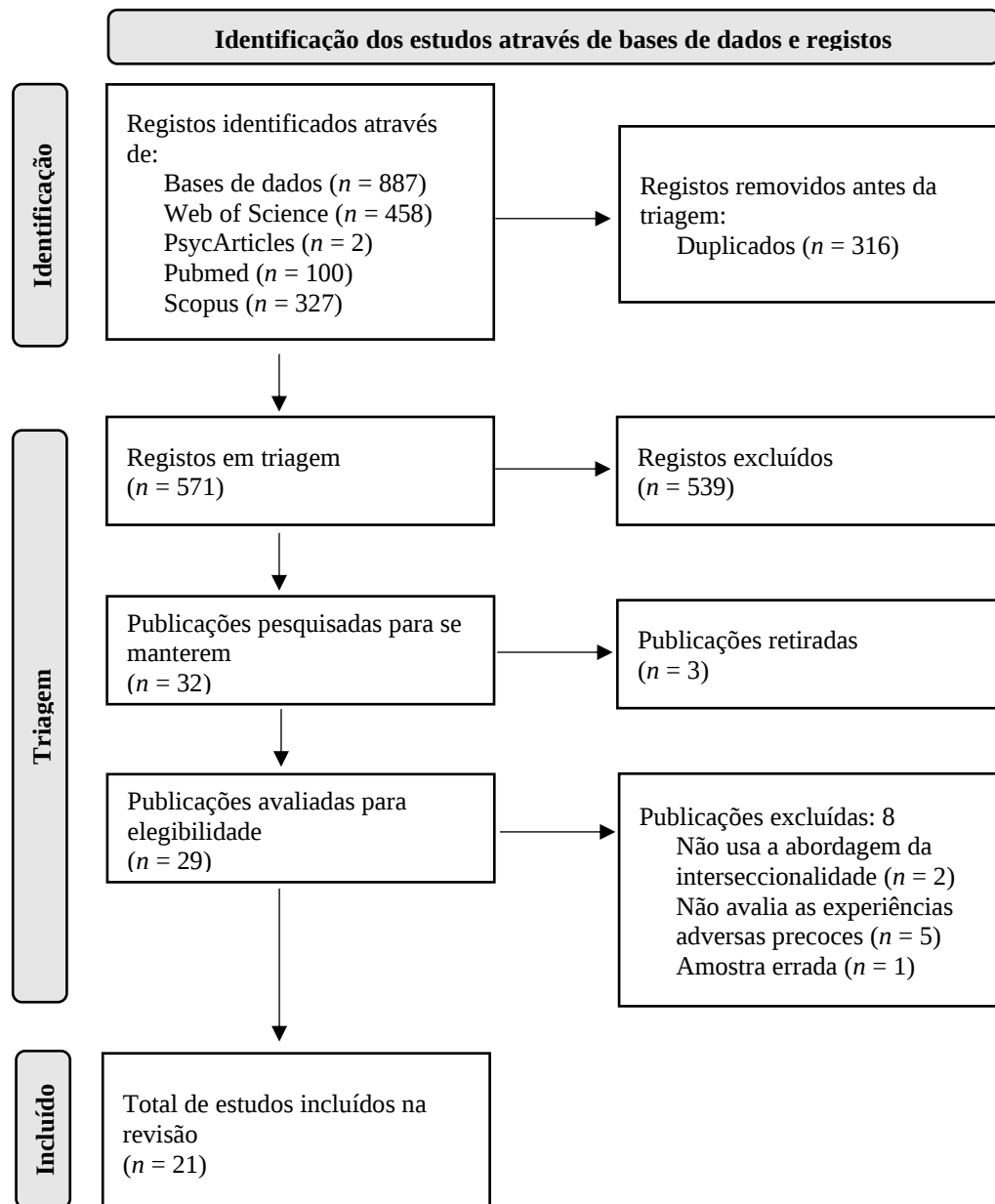


Tabela 1*Estudos incluídos*

Autores	País	Tamanho da Amostra	Caracterização dos Participantes	Metodologia	Instrumentos	Experiências Adversas Precoces Avaliadas	Variáveis de Interseccionalidade Incluídas
Angoff & Barnhart (2021)	EUA	13 567	Orientação sexual: heterossexual ($n = 11\,611$), homossexual ($n = 323$), bissexual ($n = 1\,073$) e incerto ($n = 560$); Idade: 9 a 12 anos; Género: masculino e feminino; Raça/etnia: índio americano/nativo do Alasca, asiático, negro/afro-americano, nativo havaiano/outro ilhéu do Pacífico e branco;	Quantitativo	Youth Risk Behavior Survey (YRBS) de 2017	<i>Cyberbullying</i> e <i>bullying</i>	Orientação sexual, género, raça/etnia e nível escolar
Bostwick et al. (2018)	EUA	600	Idade: 18 a 82 anos; Género: feminino; Orientação sexual: bissexual ($n = 153$) e homossexual ($n = 447$); Raça/etnia: negra ($n = 225$), latina ($n = 140$) e branca ($n = 235$); Nível de educação: ensino secundário ou menos ($n = 127$), "some college" ($n = 197$), bacharelato ($n = 125$) e pós graduação/grau profissional ($n = 161$); Estatuto de relacionamento: junto e a viver em conjunto ($n = 233$), junto e a viver separados ($n = 138$) e solteira ($n = 229$);	Quantitativo	Chicago Health and Life Experiences of Women Survey (3ª onda)	Abuso sexual e físico; negligência parental	Raça/etnia e orientação sexual
Chatzitheochari & Butler-Rees (2022)	Inglaterra	35	Idade: 15/16 anos; Género: masculino ($n = 21$) e feminino ($n = 14$); Raça/etnia: branco britânico ($n = 29$) e outra ($n = 6$); Incapacidade: autismo ($n = 22$), dislexia ($n = 15$) e deficiência física ($n = 7$); Estatuto socioeconómico dos pais: baixo ($n = 9$), médio ($n = 12$) e alto ($n = 14$);	Qualitativo	Entrevistas semi-estruturadas; Educational Pathways and Work Outcomes of Disabled Young People (1ª onda); National Statistics Socio-Economic Classification	Discriminação, estigma	Estatuto de incapacidade e estatuto socioeconómico

Autores	País	Tamanho da Amostra	Caracterização dos Participantes	Metodologia	Instrumentos	Experiências Adversas Precoces Avaliadas	Variáveis de Interseccionalidade Incluídas
De Pedro et al. (2019)	EUA	423 168	Idade: 7º (25,5%), 9º (34,1%) e 11º ano (30,4%); Raça/ etnia: branco (25,1%), asiático/ilhéu do Pacífico (13%), negro (3,9%), multirracial (10,6%) e latino (47,4%); Identidade de género: transgénero ($n = 3\,810$) e não transgénero ($n = 419\,358$);	Quantitativo	Questionário com 7 itens sobre vitimização física, 5 sobre vitimização verbal/psicológica e 3 sobre bullying	Vitimização física e verbal/psicológica e <i>bullying</i>	Raça/ etnia, identidade de género, nível escolar e nível socioeconómico
Fisher et al. (2014)	EUA	4 581	Idade: 6º ao 8º ano; Género: masculino (46,5%) e feminino (53,4%); Raça/ etnia: caucasiana (89,4%) e afro-americana (10,6%);	Quantitativo	Coordinated Community Student Survey (C2S2)	<i>Bullying</i>	Raça/ etnia
Galán et al. (2021)	EUA	3 939	Idade: 9º ao 12º ano; Género: masculino ($n = 1\,802$) e feminino ($n = 2\,086$); Identidade de género: cisgénero ($n = 2\,811$) e diverso ($n = 313$); Orientação sexual: heterossexual ($n = 2\,109$) e minorias sexuais ($n = 1\,021$); Raça/ etnia: branco não hispânico ($n = 1\,339$), negro não hispânico ($n = 1\,380$), hispânico ($n = 358$) e multirracial/outra ($n = 728$);	Quantitativo	Questionário sobre riscos à saúde e comportamentos protetores, baseado no US Centers for Disease Control e Prevention Youth Risk Behavior Survey (YRBS)	<i>Bullying</i> geral e <i>bullying</i> baseado na identidade	Raça/ etnia, identidade de género, orientação sexual, religião e estatuto de imigrante
Garnett et al. (2013)	EUA	965	Idade: 9º ao 12º ano; Género: masculino (41,55%) e feminino (58,45%); Orientação sexual: 100% heterossexual (87,98%) e minorias sexuais (12,02%); Raça/ etnia: branco não hispânico (14,61%), negro não hispânico (45,08%), hispânico (29,02%), asiático/ilhéu do Pacífico (6,53%) e multirracial/outra (4,77%); Peso: saudável (56,06%) e excesso de peso/obeso (43,94%);	Quantitativo	Boston Youth Survey de 2006	<i>Bullying</i> /discriminação	Raça/ etnia, estatuto de imigrante, orientação sexual e peso
Graham et al. (2018)	EUA	179 199	Idade: 0 a 17 anos; Género: masculino ($n = 56\,775$) e feminino ($n = 122\,424$); Raça/ etnia: branco ($n = 90\,803$), preto ($n = 35\,749$) e latino ($n = 52\,647$);	Quantitativo	National Child Abuse and Neglect Data System (NCANDS) Child File de 2012	Abuso sexual	Raça/ etnia, idade e género

Autores	País	Tamanho da Amostra	Caracterização dos Participantes	Metodologia	Instrumentos	Experiências Adversas Precoces Avaliadas	Variáveis de Interseccionalidade Incluídas
Hall et al. (2020)	EUA	114 015	Idade: 18-64 (68,20%) e 65 ou superior (31,80%); Género: masculino (39,70%) e feminino (60,30%); Raça/ etnia: hispânico (3,20%), branco (81,90%), nativo do Havai/ilhéu do Pacífico (0,30%), negro/afro-americano (7,60%), asiático (2,70%), índio americano/nativo do Alasca (1,70%) e multirracial (2,70%);	Quantitativo	Behavioral Risk Factor Surveillance System (BRFSS) de 2009 a 2012	Familiar encarcerado, com doença mental e/ou historial de abuso de substâncias; divórcio; violência doméstica; abuso físico, sexual, verbal e/ou psicológico	Raça/ etnia e género
Jackman et al. (2020)	EUA	114 881	Idade: 9º ao 12º ano; Género: masculino ($n = 54\,321$) e feminino ($n = 61\,316$); Orientação sexual: heterossexual ($n = 97\,911$), homossexual ($n = 2\,944$), bissexual ($n = 8\,440$) e incerto ($n = 6\,342$); Raça/ etnia: negro/afro-americano ($n = 28\,456$), hispânico/latino ($n = 49\,095$), branco ($n = 19\,480$) e outra ($n = 18\,606$); Peso: baixo ($n = 3\,645$), normal ($n = 70\,964$), excesso ($n = 17\,150$) e obeso ($n = 13\,591$);	Quantitativo	Youth Risk Behavior Surveillance de 2011 a 2017	<i>Bullying, cyberbullying</i> e vitimização entre pares	Orientação sexual, raça/ etnia e peso
LeVasseur et al. (2013)	EUA	11 488	Idade: 10º ao 12º ano; Género: masculino ($n = 5\,549$) e feminino ($n = 6\,334$); Orientação sexual: minoria sexual ($n = 951$) e não minoria sexual ($n = 9\,763$); Raça/ etnia: hispânico ($n = 4\,947$) e não hispânico ($n = 6\,657$);	Quantitativo	New York City Youth Risk Behavior Survey (YRBS) de 2009	<i>Bullying</i>	Género, raça/ etnia e orientação sexual
Melton-Fant (2019)	EUA	4 236	Idade: 0-3 (17,5%), 4-7 (20,9%), 8-11 (23,2%), 12-14 (18,1%) e 15-17 (20,2%); Género: masculino (51,8%) e feminino (48,2%); Estrutura familiar: pais casados (34,3%), pais divorciados (12,5%), mãe solteira (34,5%) e outra (18,7%);	Quantitativo	National Survey of Children's Health (NSCH) Combined Data Set de 2016 a 2017	Pobreza; divórcio; morte de familiar; familiar encarcerado, com doença mental e historial de abuso de substâncias; violência doméstica e comunitária; racismo	Estatuto socioeconómico, género e bairro/ vizinhança

Autores	País	Tamanho da Amostra	Caracterização dos Participantes	Metodologia	Instrumentos	Experiências Adversas Precoces Avaliadas	Variáveis de Interseccionalidade Incluídas
Mersky et al. (2021)	EUA	13 718	Idade: 11 a 19 anos em 1995; Género: masculino ($n = 6\,502$) e feminino ($n = 7\,216$); Raça/ etnia: branco não hispânico ($n = 7\,580$), negro não hispânico ($n = 3\,012$), hispânico ($n = 2\,152$), asiático não hispânico ($n = 708$), índio americano não hispânico ($n = 266$); Estatuto socioeconómico: não pobre ($n = 10\,698$) e pobre ($n = 3\,020$);	Quantitativo	National Longitudinal Study of Adolescent to Adult Health (Add Health)	Abuso físico, sexual e emocional; negligência física e emocional; familiar encarcerado, com doença mental, historial de abuso de substâncias e morte; divórcio; vítima de crime violento	Género, raça/ etnia e estatuto socioeconómico
Morales et al. (2019)	EUA	18 130	Idade: 7 e 8 anos; Género: masculino ($n = 9\,303$) e feminino ($n = 8\,789$); Raça/ etnia: branca ($n = 9\,375$), negra ($n = 2\,423$), hispânica ($n = 4\,455$), asiática ($n = 815$), indígena ($n = 299$) e multirracial ($n = 717$); Tipo de escola que frequenta: pública ($n = 2\,044$) e privada ($n = 202$); Localização da escola que frequenta: cidade ($n = 889$), subúrbios ($n = 833$) e rural ($n = 432$);	Quantitativo	US Early Childhood Longitudinal Study, grupo de Jardim de Infância	<i>Bullying</i> verbal, físico e relacional	Género, peso, idade, raça/ etnia, estatuto de incapacidade e estatuto socioeconómico
Park et al. (2022)	EUA	7 095	Idade: 14 a 18 anos; Género: masculino ($n = 3\,339$) e feminino ($n = 3\,692$); Identidade de género: homem transgénero ($n = 42$), mulher transgénero ($n = 77$), não transgénero ($n = 6\,808$), outra ($n = 52$) e incerto ($n = 116$); Raça/ etnia: índio americano/nativo do Alasca ($n = 126$), asiático ($n = 133$), negro/afro-americano ($n = 169$), nativo do Havai/ilhéu do Pacífico ($n = 25$), branco ($n = 3\,948$), latino ($n = 1\,783$) e multirracial ($n = 860$);	Quantitativo	Healthy Kids Colorado Survey (HKCS) de 2015	<i>Bullying</i> escolar e <i>cyberbullying</i>	Raça/ etnia e identidade de género
Ramos et al. (2021)	Brasil	14 809	Idade: 15 anos ou mais; Género: feminino; Raça/ etnia: negra ($n = 2\,023$), indígena ($n = 586$), "mistura" ($n = 7\,372$), leste asiático ($n = 748$), branco ($n = 4\,065$) e sem informação ($n = 16$);	Quantitativo	PeNSE (Pesquisa Nacional de Saúde Escolar) de 2015	<i>Bullying</i> e violência física e sexual	Estatuto socioeconómico e raça/ etnia

Autores	País	Tamanho da Amostra	Caracterização dos Participantes	Metodologia	Instrumentos	Experiências Adversas Precoces Avaliadas	Variáveis de Interseccionalidade Incluídas
Sabina et al. (2022)	EUA	1 525	Idade: 12 (13,5%), 13 (14,8%), 14 (17,5%), 15 (15%), 16 (14,4%), 17 (16,2%), 18 (8,7%); Género: masculino (49,3%) e feminino (50,7%); Orientação sexual: heterossexual ($n = 1\,402$) e minorias sexuais ($n = 123$) Local de nascimento: EUA (76%), México (17,9%) e outro (6,1%);	Quantitativo	Juvenile Victimization Questionnaire (JVQ - versão modificada), Conflict Tactics Scale 2 Short (CTS2S), Brief Symptom Inventory, Multidimensional Scale of Perceived Social Support (MSPSS)	Crime, <i>bullying</i> , violência sexual, <i>stalking</i> e maus-tratos infantil	Orientação sexual, idade, género, estatuto socioeconómico, estatuto de imigrante, apoio social
Sieben et al. (2019)	EUA	9 243	Idade: 18-21 ($n = 4\,543$), 22-25 ($n = 1\,943$), 25-29 ($n = 886$) e superior a 29 ($n = 1\,825$); Género: masculino ($n = 2\,825$) e feminino ($n = 6\,418$); Orientação sexual: LGB ($n = 632$) e heterossexual ($n = 8\,611$); Raça/etnia: asiático/ilhéu do Pacífico ($n = 545$) e não asiático/ilhéu do Pacífico ($n = 8\,698$); Estado civil: solteiro ($n = 4\,051$), casado ($n = 1\,648$), divorciado/viúvo ($n = 177$) e noivo/comprometido ($n = 3\,342$);	Quantitativo	College Student Health Survey de 2015	Abuso físico, sexual e verbal; familiar encarcerado, com doença mental, historial de abuso de substâncias e morte; divórcio; violência doméstica	Orientação sexual e raça/etnia
Stoll and Junior (2015)	EUA	752	Idade: 9º ao 12º ano; Género: masculino e feminino; Raça/etnia: branco e não branco; Orientação sexual: heterossexual (92%) e não heterossexual (8%);	Quantitativo	Questionário com 5 itens sobre experiências de cibervitimização	<i>Cyberbullying</i>	Género, raça/etnia e orientação sexual
Strompolis et al. (2019)	EUA	17 703	Idade: 18-39 (35.1%), 40-59 (33.7%), 60 ou superior (31.2%); Género: masculino (47.9%) e feminino (52.9%); Raça/etnia: hispânico/latino (4%), negro não hispânico (23.5%), branco não hispânico (69.3%) e outra (3.3%);	Quantitativo	South Carolina Behavioral Risk Factor Surveillance System (BRFSS) de 2014 e 2015	Abuso físico, emocional e sexual; violência doméstica; familiar encarcerado, com doença mental e historial de abuso de substâncias; divórcio	Raça e estatuto socioeconómico

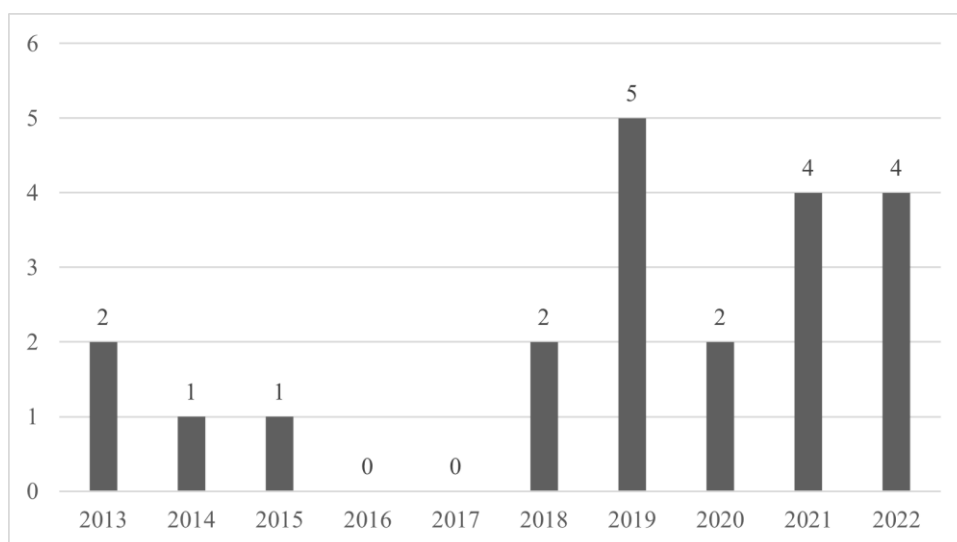
Autores	País	Tamanho da Amostra	Caracterização dos Participantes	Metodologia	Instrumentos	Experiências Adversas Precoces Avaliadas	Variáveis de Interseccionalidade Incluídas
Woolweaver et al. (2022)	EUA	20 302	Idade: 9º ao 12º ano; Género: masculino ($n = 9\,903$), feminino ($n = 9\,518$) e outro ($n = 532$); Orientação sexual: heterossexual ($n = 16\,695$), bissexual ($n = 1\,267$), homossexual ($n = 387$), incerto ($n = 541$) e outra ($n = 611$); Identidade de género: transgénero ($n = 248$) e não transgénero ($n = 19\,238$); Raça/ etnia: branco/caucasiano ($n = 13\,032$), hispânico/latino ($n = 2\,206$), negro/afro-americano ($n = 1\,844$), asiático não "hmong" ($n = 835$), asiático "hmong" ($n = 342$), nativo do Alasca/ Havai ($n = 164$), multirracial ($n = 1\,472$) e médio oriente/norte africano ($n = 96$);	Quantitativo	Dane County Youth Assessment (DCYA) de 2018	<i>Bullying</i> geral e baseado na identidade	Identidade de género, orientação sexual, raça/ etnia, estatuto de incapacidade, estatuto socioeconómico e peso

Resultados

Foram incluídos 21 artigos nesta *scoping review*. Estes foram maioritariamente realizados nos Estados Unidos da América ($n = 19$), sendo que também foram integrados estudos de Inglaterra ($n = 1$) e do Brasil ($n = 1$). Embora não tenha havido restrição em relação ao ano de publicação, é importante notar que os estudos selecionados eram relativamente recentes, abrangendo o período de 2013 a 2022, com o maior número de artigos a terem sido publicados nos últimos quatro anos (Figura 2).

Figura 2

Distribuição temporal dos estudos incluídos



Caracterização das Amostras

As amostras dos estudos incluídos variam entre 35 e 423 168 participantes. Relativamente à faixa etária, a maioria dos artigos foi realizado apenas com crianças ($n = 16$), existindo também artigos realizados somente com participantes adultos ($n = 4$) e com ambos ($n = 1$).

Tendo em conta os estudos que facultaram informação sobre as características dos participantes ($n = 16$), foi possível verificar que em 12 estudos o género predominante foi o feminino e em quatro estudos foi o género masculino. Quanto à dimensão da raça/ etnia, a mais relatada foi a raça caucasiana ($n = 10$), seguida da raça negra ($n = 2$), raça hispânica/ latina ($n = 2$), entre outras.

Para além disso, outra característica amplamente estudada foi a orientação sexual, que foi alvo de análise em 10 artigos, sendo possível apurar que a maioria dos participantes se identificavam como heterossexuais ($n = 9$).

Tipos de Estudos

Da totalidade dos estudos incluídos (Tabela 1), 20 utilizaram metodologia quantitativa e um metodologia qualitativa. De modo a proceder à recolha de informação, os autores optaram por usar os dados de questionários previamente validados ($n = 18$), usar os seus próprios instrumentos de recolha (e.g., questionários e entrevistas; $n = 2$) ou combinar ambos ($n = 2$). Os instrumentos previamente aplicados mais utilizados foram o *Youth Risk Behavior Survey* (YRBS; $n = 3$) e o *Behavioral Risk Factor Surveillance System* (BRFSS; $n = 2$).

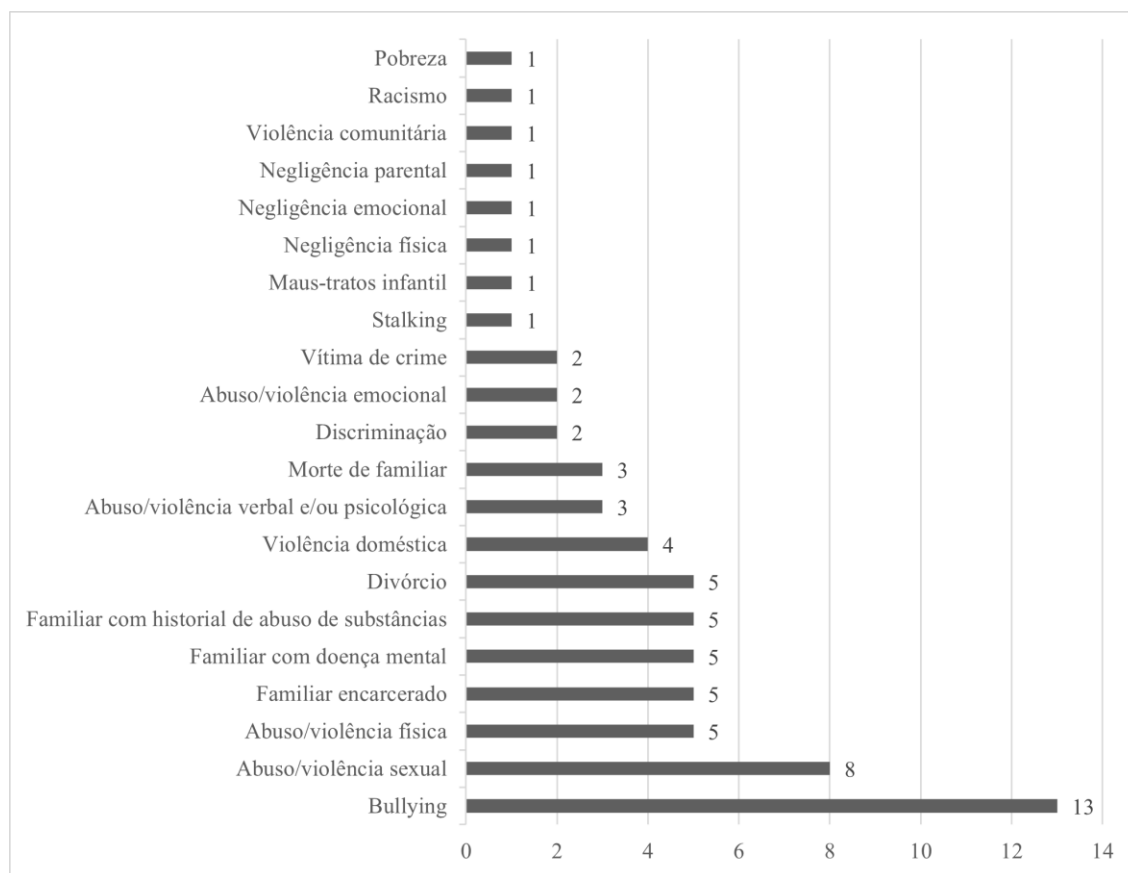
Experiências Adversas Precoces Avaliadas

Os artigos avaliaram diversas experiências adversas na infância (Figura 3), tendo-se verificado que o *bullying* foi a mais avaliada ($n = 13$), seguida por abuso/ violência sexual ($n = 8$), abuso/ violência física ($n = 5$), familiar encarcerado ($n = 5$), familiar com doença mental ($n = 5$), familiar com historial de abuso de substâncias ($n = 5$), divórcio dos pais ($n = 5$).

Das experiências adversas precoces avaliadas, o *bullying* foi maioritariamente analisado com as variáveis da interseccionalidade da raça/ etnia e da orientação sexual.

Figura 3

Frequência das experiências adversas precoces estudadas



Variáveis de Interseccionalidade Incluídas

Conforme ilustrado na Tabela 2, a raça/ etnia ($n = 18$) e a orientação sexual ($n = 11$) foram as variáveis de interseccionalidade mais analisadas, seguidas pelo género ($n = 9$) e o estatuto socioeconómico ($n = 9$). Das variáveis de interseccionalidade mais avaliadas, e previamente identificadas, verificou-se que todas foram maioritariamente utilizadas para analisar o *bullying*, sendo que a raça/ etnia foi estudada em 12 artigos, a orientação sexual em oito, o género em sete e o estatuto socioeconómico em apenas cinco.

Constatou-se que os estudos de Morales e colaboradores (2019), de Sabina e colaboradores (2022) e de Woolweaver e colaboradores (2022) foram os que mais variáveis de interseccionalidade incluíram, avaliando seis de entre as seguintes: identidade de género, orientação sexual, raça/ etnia, estatuto de incapacidade, estatuto socioeconómico, género, estatuto de imigrante, apoio social, idade e peso. Por outro lado, observou-se que o artigo de Fisher e colaboradores (2014) foi o único que incluiu somente uma característica dos participantes (i.e., raça/ etnia).

A interseção mais comumente observada foi orientação sexual x raça/ etnia ($n = 8$; i.e., Angoff & Barnhart, 2021; Bostwick et al., 2018; Galán et al., 2021; Jackman et al., 2020; LeVasseur et al., 2013; Sabina et al., 2022; Sieben et al., 2019; Stoll & Junior, 2015), seguida de género x raça/ etnia ($n = 4$; i.e., Hall et al., 2020; Mersky et al., 2021; Ramos et al., 2021; Stoll & Junior, 2015) e identidade de género x raça/ etnia ($n = 3$; i.e., De Pedro et al., 2019; Galán et al., 2021; Park et al., 2022), entre outras (Tabela 3).

Artigo	Raça/Etnia	Orientação sexual	Género	Estatuto socioeconómico	Peso	Identidade de género	Estatuto de imigrante	Estatuto de incapacidade	Idade	Nível escolar	Apoio social	Religião	Bairro/Vizinhança
Mersky et al. (2021)	X		X	X									
Morales et al. (2019)	X		X	X	X			X	X				
Park et al. (2022)	X					X							
Ramos et al. (2021)	X			X									
Sabina et al. (2022)		X	X	X			X		X		X		
Sieben et al. (2019)	X	X											
Stoll and Junior (2015)	X	X	X										
Strompolis et al. (2019)	X			X									
Woolweaver et al. (2022)	X	X		X	X	X		X					
Total	18	11	9	9	4	4	3	3	3	2	1	1	1

Tabela 3

Frequência das intersecções observadas

[illegible]

[illegible]

Discussão

A presente *scoping review* procurou compreender de que forma a perspetiva da interseccionalidade tem sido aplicada no estudo das experiências adversas precoces, de forma a compreender como as diversas características de identidade poderão explicar a vulnerabilidade dos indivíduos para as mesmas.

Foram incluídos 21 artigos científicos, sendo que todos fizeram menção explícita da teoria da interseccionalidade. Doze estudos efetivamente aplicaram esta teoria, de alguma forma, tendo tido em consideração a relação existente entre algumas dimensões da identidade dos indivíduos e cruzando as mesmas de modo a identificar quais são as que os tornam mais vulneráveis a eventos negativos (Angoff & Barnhart, 2021; Bostwick et al., 2018; Chatzitheochari & Butler-Rees, 2022; Galán et al., 2021; Hall et al., 2020; Jackman et al., 2020; LeVasseur et al., 2013; Mersky et al., 2021; Morales et al., 2019; Park et al., 2022; Sieben et al., 2019; Stoll and Junior, 2015).

Dos artigos incluídos, cinco afirmam ter analisado os dados com recurso à perspetiva da interseccionalidade (i.e., De Pedro et al., 2019; Graham et al., 2018; Melton-Fant, 2019; Ramos et al., 2021; Sabina et al., 2022), porém apenas cruzam uma variável das características dos participantes com as restantes (e.g., realizar a intersecção somente entre a raça latina e a orientação sexual; Sabina et al., 2022).

No entanto, foi possível verificar que em quatro artigos (i.e., Fisher et al., 2014; Garnett et al., 2013; Strompolis et al., 2019; Woolweaver et al., 2022), apesar de estarem conceptualmente assentes nesta perspetiva, a mesma depois não foi aplicada integralmente, uma vez que a análise de dados não contemplou a relação entre as diversas dimensões da identidade dos participantes nem o modo como esta relação os tornou vulneráveis a eventos traumáticos na infância.

A interseccionalidade tem sido extensivamente explorada na pesquisa qualitativa, contudo apenas recentemente foi incorporada na pesquisa quantitativa em diversas disciplinas (Bauer et al., 2021; Bowleg & Bauer, 2016). Os artigos incluídos na presente *scoping review* vêm preencher uma lacuna na aplicação da interseccionalidade no estudo das experiências adversas precoces, pois, conforme evidenciado nos resultados, o método mais amplamente utilizado foi o quantitativo, com um total de 20 estudos a empregar esta abordagem.

No que diz respeito às experiências adversas precoces, analisou-se maioritariamente as que ocorrem no contexto comunitário. O *bullying* foi a experiência mais frequentemente estudada, tendo sido abordada em 13 dos artigos incluídos, e a que foi associada a mais

categorias de interseccionalidade (e.g., raça/ etnia, orientação sexual, género e estatuto socioeconómico). É expectável, uma vez que, nos últimos anos, esta tem vindo a tornar-se cada vez mais comum e relatada, afetando cerca de 45% dos estudantes (Farajzadegan et al., 2018). Tal é paradoxal, considerando que está amplamente documentado na literatura que as experiências adversas precoces no contexto familiar são as mais prevalentes (Davis et al., 2018; Halfon et al., 2017; Sacks & Murphey, 2018; Strompolis et al., 2019). Neste sentido, seria importante que os estudos que objetivam estudar as experiências adversas precoces intrafamiliares utilizassem de forma mais sistemática esta abordagem.

Questões Metodológicas e Sugestões para Estudos Futuros

Apesar das contribuições do presente estudo para a literatura existente, certas limitações devem ser reconhecidas. A maioria dos estudos quantitativos incluídos utilizou conjuntos de dados já existentes, que dificultam a análise adequada das diferenças entre os vários grupos (Rouhani, 2014). Neste sentido, o primeiro aspeto é que, por terem sido previamente agregadas e predefinidas, impossibilitam a incorporação de outras variáveis das características dos participantes. O segundo aspeto deve-se ao facto de o tamanho das amostras, em alguns dos estudos, poder não ser suficiente (McCall, 2005; Rouhani, 2014), no sentido em que não permitem uma desagregação suficiente por grupo para uma análise quantitativa robusta.

Por outro lado, verifica-se que, na maioria dos estudos, são utilizadas várias categorias de caracterização dos participantes envolvidos na recolha de dados, mas depois são analisadas em conjunto apenas duas ou três. É necessário que, em estudos futuros, possam ser desenvolvidos modelos de análises de dados robustas, que permitam a integração das várias categorias identitárias na explicação dos fenómenos.

Conclusões

Desde o estudo inovador sobre experiências adversas precoces realizado por Felitti et al. (1998), as últimas duas décadas têm testemunhado um aumento significativo na pesquisa sobre o assunto. Da mesma forma, a teoria da interseccionalidade tem sido largamente analisada desde que Crenshaw (1991) a introduziu ao estudar a violência contra as mulheres. No entanto, é importante notar que, apesar da sua proximidade temporal, existe uma escassez de artigos que incorporam esta perspetiva no estudo das experiências adversas precoces.

Os estudos que conjugam estes dois temas afiguram-se de elevada importância, pois permitem reconhecer que as estratégias de prevenção e de intervenção não podem ser

uniformes, mas sim adaptadas às necessidades específicas de cada grupo. Concluindo, a integração da perspetiva interseccional no estudo das experiências adversas precoces representa um avanço crucial para a compreensão mais completa das trajetórias de vida dos indivíduos. A interseccionalidade salienta o facto de as experiências adversas precoces não estarem isoladas e que uma análise mais aprofundada destas interseções é fundamental para promover a igualdade e o bem-estar de todos, permitindo agir de forma mais preventiva e precoce para minorar a prevalência dessas experiências e as suas consequências.

Referências Bibliográficas

- Anda, R. F., Felitti, V. J., Bremner, J. D., Walker, J. D., Whitfield, Ch., Perry, B. D., Dube, Sh. R., & Giles, W. H. (2005). The enduring effects of abuse and related adverse experiences in childhood. *European Archives of Psychiatry and Clinical Neuroscience*, 256(3), 174–186. <https://doi.org/10.1007/s00406-005-0624-4>
- *Angoff, H. D., & Barnhart, W. R. (2021). Bullying and Cyberbullying among LGBQ and Heterosexual Youth from an Intersectional Perspective: Findings from the 2017 National Youth Risk Behavior Survey. *Journal of School Violence*, 1–14. <https://doi.org/10.1080/15388220.2021.1879099>
- Barth, J., Bermetz, L., Heim, E., Trelle, S., & Tonia, T. (2013). The current prevalence of child sexual abuse worldwide: a systematic review and meta-analysis. *International Journal of Public Health*, 58(3), 469–483. <https://doi.org/10.1007/s00038-012-0426-1>
- Bauer, G. R., Churchill, S. M., Mahendran, M., Walwyn, C., Lizotte, D., & Villa-Rueda, A. A. (2021). Intersectionality in quantitative research: A systematic review of its emergence and applications of theory and methods. *SSM - Population Health*, 14(1), 100–798. <https://doi.org/10.1016/j.ssmph.2021.100798>
- *Bostwick, W. B., Hughes, T. L., Steffen, A., Veldhuis, C. B., & Wilsnack, S. C. (2018). Depression and Victimization in a Community Sample of Bisexual and Lesbian Women: An Intersectional Approach. *Archives of Sexual Behavior*, 48(1), 131–141. <https://doi.org/10.1007/s10508-018-1247-y>
- Boullier, M., & Blair, M. (2018). Adverse childhood experiences. *Paediatrics and Child Health*, 28(3), 132–137. <https://doi.org/10.1016/j.paed.2017.12.008>
- Bowleg, L., & Bauer, G. (2016). Invited Reflection: Quantifying Intersectionality. *Psychology of Women Quarterly*, 40(3), 337–341. <https://doi.org/10.1177/0361684316654282>
- *Chatzitheochari, S., & Butler-Rees, A. (2022). Disability, Social Class and Stigma: An Intersectional Analysis of Disabled Young People’s School Experiences. *Sociology*, 003803852211337. <https://doi.org/10.1177/00380385221133710>
- Crenshaw, K. (1991). Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color. *Stanford Law Review*, 43(6), 1241–1299. <https://doi.org/https://doi.org/10.2307/1229039>
- Crouch, E., Strompolis, M., Bennett, K. J., Morse, M., & Radcliff, E. (2017). Assessing the interrelatedness of multiple types of adverse childhood experiences and odds for poor

- health in South Carolina adults. *Child Abuse & Neglect*, 65, 204–211. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2017.02.007>
- Crouch, E., Probst, J. C., Radcliff, E., Bennett, K. J., & McKinney, S. H. (2019). Prevalence of adverse childhood experiences (ACEs) among US children. *Child Abuse & Neglect*, 92, 209–218. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2019.04.010>
- Davis, V.N., Bayakly, A.R., Chosewood, D., Drenzek, C. (2018) Data Summary: Adverse Childhood Experiences. Georgia Department of Public Health, Epidemiology Section, Chronic Disease, Healthy Behaviors, and Injury Epidemiology Unit. <https://abuse.publichealth.gsu.edu/files/2020/08/ACEs-one-pager-essentials-final.pdf>
- *De Pedro, K. T., Shim-Pelayo, H., & Bishop, C. (2019). Exploring Physical, Nonphysical, and Discrimination-Based Victimization among Transgender Youth in California Public Schools. *International Journal of Bullying Prevention*. <https://doi.org/10.1007/s42380-019-00016-8>
- Doidge, J. C., Higgins, D. J., Delfabbro, P., & Segal, L. (2017). Risk factors for child maltreatment in an Australian population-based birth cohort. *Child Abuse & Neglect*, 64, 47–60. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2016.12.002>
- Dong, M., Anda, R. F., Felitti, V. J., Dube, S. R., Williamson, D. F., Thompson, T. J., Loo, C. M., & Giles, W. H. (2004). The interrelatedness of multiple forms of childhood abuse, neglect, and household dysfunction. *Child Abuse & Neglect*, 28(7), 771–784. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2004.01.008>
- Farajzadegan, Z., Golshiri, P., Tavakoli, A., & Heidari, K. (2018). Youth Violence and Related Risk Factors: A Cross-sectional Study in 2800 Adolescents. *Advanced Biomedical Research*, 7(1), 138. https://doi.org/10.4103/abr.abr_137_18
- Felitti, V. J., Anda, R. F., Nordenberg, D., Williamson, D. F., Spitz, A. M., Edwards, V., Koss, M. P., & Marks, J. S. (1998). Relationship of Childhood Abuse and Household Dysfunction to Many of the Leading Causes of Death in Adults. *American Journal of Preventive Medicine*, 14(4), 245–258. [https://doi.org/10.1016/s0749-3797\(98\)00017-8](https://doi.org/10.1016/s0749-3797(98)00017-8)
- *Fisher, S., Middleton, K., Ricks, E., Malone, C., Briggs, C., & Barnes, J. (2014). Not Just Black and White: Peer Victimization and the Intersectionality of School Diversity and Race. *Journal of Youth and Adolescence*, 44(6), 1241–1250. <https://doi.org/10.1007/s10964-014-0243-3>
- *Galán, C. A., Stokes, L. R., Szoko, N., Abebe, K. Z., & Culyba, A. J. (2021). Exploration of Experiences and Perpetration of Identity-Based Bullying Among Adolescents by

- Race/Ethnicity and Other Marginalized Identities. *JAMA Network Open*, 4(7), e2116364. <https://doi.org/10.1001/jamanetworkopen.2021.16364>
- *Garnett, B. R., Masyn, K. E., Austin, S. B., Miller, M., Williams, D. R., & Viswanath, K. (2013). The Intersectionality of Discrimination Attributes and Bullying Among Youth: An Applied Latent Class Analysis. *Journal of Youth and Adolescence*, 43(8), 1225–1239. <https://doi.org/10.1007/s10964-013-0073-8>
- *Graham, L. M., Lanier, P., Finno-Velasquez, M., & Johnson-Motoyama, M. (2018). Substantiated Reports of Sexual Abuse among Latinx Children: Multilevel Models of National Data. *Journal of Family Violence*, 33(7), 481–490. <https://doi.org/10.1007/s10896-018-9967-2>
- Green, J. G., McLaughlin, K. A., Berglund, P. A., Gruber, M. J., Sampson, N. A., Zaslavsky, A. M., & Kessler, R. C. (2010). Childhood Adversities and Adult Psychiatric Disorders in the National Comorbidity Survey Replication I. *Archives of General Psychiatry*, 67(2), 113. <https://doi.org/10.1001/archgenpsychiatry.2009.186>
- Halfon, N., Larson, K., Son, J., Lu, M., & Bethell, C. (2017). Income Inequality and the Differential Effect of Adverse Childhood Experiences in US Children. *Academic Pediatrics*, 17(7), S70–S78. <https://doi.org/10.1016/j.acap.2016.11.007>
- *Hall, T., Rooks, R., & Kaufman, C. (2020). Intersections of Adverse Childhood Experiences, Race and Ethnicity and Asthma Outcomes: Findings from the Behavioral Risk Factor Surveillance System. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(21), 8236. <https://doi.org/10.3390/ijerph17218236>
- Hughes, K., Bellis, M. A., Hardcastle, K. A., Sethi, D., Butchart, A., Mikton, C., Jones, L., & Dunne, M. P. (2017). The effect of multiple adverse childhood experiences on health: a systematic review and meta-analysis. *The Lancet Public Health*, 2(8), e356–e366. [https://doi.org/10.1016/s2468-2667\(17\)30118-4](https://doi.org/10.1016/s2468-2667(17)30118-4)
- Hutzell, K. L., & Payne, A. A. (2017). The Relationship Between Bullying Victimization and School Avoidance: An Examination of Direct Associations, Protective Influences, and Aggravating Factors. *Journal of School Violence*, 17(2), 210–226. <https://doi.org/10.1080/15388220.2017.1296771>
- *Jackman, K., Kreuze, E. J., Caceres, B. A., & Schnall, R. (2020). Bullying and Peer Victimization of Minority Youth: Intersections of Sexual Identity and Race/Ethnicity. *Journal of School Health*, 90(5), 368–377. <https://doi.org/10.1111/josh.12883>

- *LeVasseur, M. T., Kelvin, E. A., & Grosskopf, N. A. (2013). Intersecting Identities and the Association Between Bullying and Suicide Attempt Among New York City Youths: Results From the 2009 New York City Youth Risk Behavior Survey. *American Journal of Public Health*, 103(6), 1082–1089. <https://doi.org/10.2105/ajph.2012.300994>
- McCall, L. (2005). The Complexity of Intersectionality. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, 30(3), 1771–1800. <https://doi.org/10.1086/426800>
- *Melton-Fant, C. (2019). Childhood adversity among Black children: The role of supportive neighborhoods. *Children and Youth Services Review*, 104419. <https://doi.org/10.1016/j.chilyouth.2019.104419>
- *Mersky, J. P., Choi, C., Lee, C. P., & Janczewski, C. E. (2021). Disparities in adverse childhood experiences by race/ethnicity, gender, and economic status: Intersectional analysis of a nationally representative sample. *Child Abuse & Neglect*, 117, 105066. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2021.105066>
- Moody, G., Cannings-John, R., Hood, K., Kemp, A., & Robling, M. (2018). Establishing the international prevalence of self-reported child maltreatment: a systematic review by maltreatment type and gender. *BMC Public Health*, 18(1). <https://doi.org/10.1186/s12889-018-6044-y>
- *Morales, D. X., Grineski, S. E., & Collins, T. W. (2019). School bullying, body size, and gender: an intersectionality approach to understanding US children's bullying victimization. *British Journal of Sociology of Education*, 40(8), 1121–1137. <https://doi.org/10.1080/01425692.2019.1646115>
- Page, M. J., McKenzie, J. E., Bossuyt, P. M., Boutron, I., Hoffmann, T. C., Mulrow, C. D., Shamseer, L., Tetzlaff, J. M., Akl, E. A., Brennan, S. E., Chou, R., Glanville, J., Grimshaw, J. M., Hróbjartsson, A., Lalu, M. M., Li, T., Loder, E. W., Mayo-Wilson, E., McDonald, S., & McGuinness, L. A. (2021). The PRISMA 2020 statement: an Updated Guideline for Reporting Systematic Reviews. *British Medical Journal*, 372(71), n71. <https://doi.org/10.1136/bmj.n71>
- *Park, I. Y., Speer, R., Whitfield, D. L., Kattari, L., Walls, E. N., & Christensen, C. (2022). Predictors of bullying, depression, and suicide attempts among youth: The intersection of race/ethnicity by gender identity. *Children and Youth Services Review*, 139, 106536. <https://doi.org/10.1016/j.chilyouth.2022.106536>
- *Ramos, D. de O., Goes, E. F., & Ferreira, A. J. F. (2021). Intersection of Race and Gender in Self-Reports of Violent Experiences and Polyvictimization by Young Girls in Brazil.

- Journal of Racial and Ethnic Health Disparities. <https://doi.org/10.1007/s40615-021-01089-2>
- Rouhani, S. (2014). Intersectionality-informed Quantitative Research: A Primer. The Institute for Intersectionality Research & Policy, SFU. <https://docplayer.net/21668176-Intersectionality-informed-quantitative-research-a-primer-setareh-rouhani.html>
- *Sabina, C., Wills, C., Robles, G., & Cuevas, C. A. (2022). Victimization of Sexual Minority Latinx Youth: Results From a National Survey. *Journal of Interpersonal Violence*, 37(23-24), NP23513–NP23526. <https://doi.org/10.1177/08862605221076168>
- Sacks, V., & Murphey, D. (2018). The prevalence of adverse childhood experiences, nationally, by state, and by race or ethnicity. *Ncvcdspacedirect.org*. <https://ncvc.dspacedirect.org/handle/20.500.11990/1142>
- Sharkey, P. (2018). The Long Reach of Violence: A Broader Perspective on Data, Theory, and Evidence on the Prevalence and Consequences of Exposure to Violence. *Annual Review of Criminology*, 1(1), 85–102. <https://doi.org/10.1146/annurev-criminol-032317-092316>
- *Sieben, A., Renner, L. M., Lust, K., Vang, W., & Nguyen, R. H. N. (2019). Adverse Childhood Experiences Among Asian/Pacific Islander Sexual Minority College Students. *Journal of Family Violence*, 35(3), 297–303. <https://doi.org/10.1007/s10896-019-00095-7>
- *Stoll, L. C., & Junior, R. B. (2015). Intersectionality and cyberbullying: A study of cybervictimization in a Midwestern high school. *Computers in Human Behavior*, 52, 387–397. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.06.010>
- *Strompolis, M., Tucker, W., Crouch, E., & Radcliff, E. (2019). The intersectionality of adverse childhood experiences, race/ethnicity, and income: Implications for policy. *Journal of Prevention & Intervention in the Community*, 47(4), 310–324. <https://doi.org/10.1080/10852352.2019.1617387>
- Tink, W., Tink, J. C., Turin, T. C., & Kelly, M. (2017). Adverse Childhood Experiences: Survey of Resident Practice, Knowledge, and Attitude. *Family Medicine*, 49(1), 7–13. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28166574/>
- Waite, R., Davey, M., & Lynch, L. (2013). Self-Rated Health and Association with ACEs. *Journal of Behavioral Health*, 2(3), 197. <https://doi.org/10.5455/jbh.20130317033246>
- Walsh, D., McCartney, G., Smith, M., & Armour, G. (2019). Relationship between childhood socioeconomic position and adverse childhood experiences (ACEs): a systematic

review. *Journal of Epidemiology and Community Health*, 73(12), jech-2019-212738.
<https://doi.org/10.1136/jech-2019-212738>

*Woolweaver, A. B., Barbour, J. C., & Espelage, D. L. (2022). An Exploratory Analysis of Financial Status and Risk Factor Interactions for Bullying Victimization. *School Psychology Review*, 1–13. <https://doi.org/10.1080/2372966x.2022.2034475>